

# Interlocuções esportivas: uma dobradinha entre Brasil e Argentina

**Mariane da Silva Pisani**

Doutora em Antropologia - Universidade Federal do Piauí.

**Monica da Silva Araujo**

Doutora em Antropologia - Universidade Federal do Piauí.

**Mariane Pisani:** Primeiramente agradecemos a disponibilidade de vocês em nos conceder essa entrevista. Em segundo lugar, gostaríamos de pedir que vocês falem sobre as suas trajetórias acadêmicas, abordando um pouco dos principais trabalhos escritos, conceitos desenvolvidos e utilizados. Estamos pensando, de maneira mais específica, em uma aproximação das Ciências Sociais com as práticas esportivas e de lazer.

**Verônica Moreira:** Bom, no meu caso eu gostaria de destacar o primeiro trabalho desenvolvido a partir da minha tese de Licenciatura em Antropologia, pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires que eu defendi no ano de 2001. A minha pesquisa foi sobre e com os torcedores do Clube Atlético Independente. Eu comecei essa pesquisa em 1998/99, e como estava realizando o meu primeiro trabalho de campo, me custou bastante começar e saber o que eu queria fazer. Finalmente fiz esse trabalho com as pessoas que integram o que, popularmente, se conhece como "Barra Brava", o grupo de torcidas vinculadas principalmente à expressão da violência. Na Argentina, o movimento dos Barra Brava é considerado um problema gravíssimo sem que se consiga chegar a uma solução.

Então, naquele momento, a pesquisa em campo foi me levando a esse grupo em particular e eu fui me interessando muito em saber como se organizavam. Eles tinham uma estrutura muito complexa, uma estrutura hierárquica e também territorial dividida por bairros, e eu procurava entender como se organizavam, como as lideranças eram construídas e como legitimavam essa posição de autoridade. Logicamente também apareceu uma categoria que é típica na Argentina denominada "aguanter", que é uma categoria por meio da qual os torcedores constroem sua identidade e que possui múltiplos significados associados à "barra" de futebol. O seu significado se refere às práticas de combate, de pôr o corpo nos enfrentamentos físicos. Também era muito típico nesse momento a prática do roubo de certos objetos entre as torcidas, sendo o mais significativo o roubo das bandeiras. Então, para recuperarem a bandeira deviam mostrar que tinham "aguanter". Não era só recuperar a bandeira, mas também roubar a bandeira alheia. Eu interpretei tudo isso utilizando a teoria da honra e da vergonha, também muito discutível e típica da antropologia mediterrânea. Ou seja, eu estava pensando em como esses "jogos de recuperação dos bens" tinham a ver com a ideia de construir uma honra e também a vergonha, ou deixar em estado de humilhação o grupo rival. Então, essas práticas levavam as torcidas, de maneira constante, a um círculo de violência. As políticas públicas ao serem feitas e para que sejam efetivas precisam compreender essas lógicas dos "aguanter". Essa foi a minha primeira investigação e depois continuei com uma pesquisa independente, pensando mais na questão de como era a política no interior da instituição. Os clubes na Argentina são associações civis sem fins lucrativos e isso faz com que a cada dois, três ou quatro anos, realizem eleições no clube para eleger autoridades. E aí se armam campanhas políticas, os sócios e as sócias se organizam para apresentar um candidato para liderar alguma lista em particular. Então, me interessava pensar na política no ponto de vista dos sócios e das sócias, e também, no que destaca a literatura do Brasil, pensando no tempo da política, em como se armava o tempo de campanha eleitoral no clube, o momento em que acontecia a política, das conversações entre os torcedores, os sócios e as sócias, além dos dirigentes. O interesse por esse tema também foi esculpido no momento de defesa da minha tese, quando um antropólogo que trabalhava com a temática, Fernando Alvim, me questionou sobre o rigor em que se construíam os momentos políticos nas "barras". Ele me perguntou se parecia um recorte de tempo onde a política aparecia ou se haviam movimentações políticas de maneira cotidiana. Ou seja, como se houvesse uma construção momentânea ou se a política estava sempre presente. Depois, na tese de doutorado trabalhei pontualmente com os dirigentes de futebol pensando, por exemplo,

na relevância que tinha o conceito de território para a construção do perfil dos dirigentes. O Club Atlético Independiente<sup>3</sup> esteve sempre em uma cidade muito ao sul de Buenos Aires e a relação entre o clube e o território é muito forte. Os dirigentes historicamente eram pessoas conhecidas na cidade. Pessoas, por exemplo, que atuavam em profissões liberais: advogado, médico ou comerciantes. E no momento em que eu fiz esse trabalho de campo, aproximadamente entre 2007 e 2008, isso já estava se modificando. Havia pessoas com esse perfil tradicional, por exemplo, Julian Brandon que foi presidente do ALFA durante 33 anos e também dirigente do Independiente. Era uma pessoa empresária ou comerciante que entrou como dirigente e depois se converteu em presidente da ALFA. No momento em que eu comecei a fazer o trabalho de campo isso começou a se modificar, e o que eu compreendi era que estávamos em um ponto em que havia dirigentes com o perfil mais tradicional e outras pessoas que poderiam ser classificadas como "outsiders". Há um capítulo na tese em que discorro sobre como nas "barras" algumas pessoas estabeleciam relações de clientela com os dirigentes, ou seja, que essas relações de clientela não eram unicamente um "toma lá, dá cá" de dinheiro por apoio político, mas como estavam também atravessadas pelos afetos e pelas realidades destes torcedores.

**Luiz Rojo:** Diferente da Verônica, o início da minha trajetória na Antropologia não passa pela Antropologia dos Esportes, do estudo dos esportes. Eu fiz a minha dissertação de mestrado, e depois a tese de doutorado, discutindo fundamentalmente a questão das amizades, esse era o meu tema central de pesquisa. No mestrado eu estudei as relações de amizade entre estudantes de Medicina, e ali eu desenvolvi um conceito de "amizade grupal", porque até então a teoria sobre relações de amizade privilegiava os estudos, praticamente todos, lidando com sociedades ocidentais, com muito pouca discussão de amizade fora desse registro, e acabava se desenvolvendo uma noção de amizade a partir de uma relação pessoa-pessoa. Então, não se pensava a ideia da amizade para além dessas escolhas individuais, mesmo quando isso envolvia um leque de outras relações. E o que eu percebi dentro dessa pesquisa é que a ideia do grupo de amigos, a amizade que se desenvolvia dentro do grupo, era muito mais relevante para aquelas pessoas do que as relações de amizade um-a-um. Muitas vezes, fora daqueles espaços grupais praticamente não havia interação individual, dois-a-dois. Em todos os momentos, não só na universidade, - até para pensar nos caminhos e escolhas comuns - mas também nos aniversários, nos eventos sociais da vida do centro acadêmico, as relações eram

---

<sup>3</sup> Clube de futebol da Argentina, fundado em 1905 que tem sua sede social e seu estádio na cidade de Avellaneda, Província de Buenos Aires.

sempre do grupo como um todo. Chegando ao ponto em que para alguém chegar ao grupo não bastava ser apresentado por uma das pessoas do grupo, mas tinha que ser incorporada ao grupo como um todo. Essas ações tornavam esse grupo com fronteiras muito bem definidas. Quando eu terminei o mestrado, tendo desenvolvido um pouco esse conceito, a minha ideia era buscar continuar esse estudo sobre amizade, mas agora em um lugar em que a ideia de grupo tivesse mais consolidada, tivesse mais afirmada. Acabei conhecendo por acaso em uma revista uma comunidade naturista no Rio Grande do Sul e que apontava muito para essa ideia dos naturistas como um grupo muito coeso, muito fechado. Fiz minha tese de doutorado lá, trabalhando novamente o conceito de amizade, mas também acabei me dando conta de que por ser uma comunidade naturista eu tinha que trabalhar com o conceito de comunidade e corporalidade. Foi a partir desses dois momentos que conheci e me aproximei da professora Simone Guedes<sup>4</sup>. Isso aconteceu no finalzinho do meu doutorado, por acaso em uma Reunião de Antropologia do Mercosul, na cidade de Florianópolis. Começamos a conversar sobre essa questão do esporte e ela me convidou para fazer parte de uma rede mais ampla de pesquisas. Assim, logo que terminei meu doutorado, em 2005, eu participei da minha primeira Reunião Brasileira de Antropologia, na cidade de Olinda. Ali fui trazendo, pouco a pouco, as discussões que tinha realizado sobre amizade no mestrado e no doutorado. Para além da questão das relações sociais, trabalhei com a ideia da amizade como emoção. Eu trabalho com um referencial teórico para pensar como que as narrações, os comentários, as colunas jornalísticas, em época dos jogos olímpicos, construiu o discurso sobre a identidade nacional, sobre gênero, sobre questões étnico-raciais... Então, é o meu primeiro trabalho discutindo a questão do esporte pensando, principalmente, a partir da Catherine Lutz e da Lila Abu-Lughod, duas teóricas na Antropologia das Emoções e que pensam a emoção como sendo construída no contexto em que ela está sendo vivenciada, não como uma coisa meramente interna, quase que biológica. Então, eu utilizei essa literatura para pensar o contexto dos eventos esportivos. A partir daí a relação com a Simone se aprofunda, ela vai me supervisionar no pós-doutorado e, seguindo esta minha preocupação, minha busca por esses esportes olímpicos, por não pesquisar futebol, eu acabo fazendo um projeto comparativo entre o Rio de Janeiro e Montevidéu para estudar a questão do gênero no hipismo. Principalmente motivado pelo fato de que o hipismo é o único esporte olímpico, talvez o único esporte de todos, do qual não há nenhum tipo de separação de categorias entre homens e mulheres. Todas

---

<sup>4</sup> Simoni Lahud Guedes (1950 - 2019), antropóloga brasileira, professora da Universidade Federal Fluminense e pesquisadora da área de Antropologia do Esporte.

as provas são necessariamente mistas. Então eu fui estudar essa relação do gênero dentro do hipismo, isso acabou me motivando depois para a pesquisa posterior na vela, na qual eu vou aprofundando a questão dos debates entre sexo e gênero, a partir da noção de performance da Judith Butler, mas com uma leitura do conceito que eu sei que é muito particular. Então, eu vou pensar o quanto que essas performances, quando repetidas em determinados contextos,- dialogando com a “Catherine Lutz” e com a “Abu-Lughod” - acabam por produzir gênero. E isso eu já tinha discutido na pesquisa do hipismo quando transformo categorias nativas, como as modalidades de salto e adestramento, em categorias analíticas de gênero. Eu discuto que o salto e o adestramento seriam dois gêneros dentro do hipismo porque eles produziram performances próprias e, naquele contexto específico, independeria se era o caso de um cavaleiro ou uma amazona. Ou seja, cavaleiros e amazonas performariam uma identidade de gênero específica quando no momento do convívio ali, não apenas da prova em si, mas em todo o convívio dentro do ambiente. Na pesquisa da vela que está para ser publicada agora como livro, e que eu espero que saia já no início de 2023, eu vou trabalhar a partir do conceito que é bastante utilizado de sociabilidade, homosociabilidade e heterosociabilidade, mas eu vou transpor isso para um conceito de sociabilidade “homo gênero” e sociabilidade “hétero gênero”, ou seja, pensando e discutindo como que esses conceitos de homosociabilidade acabava reificando o sexo: homem e mulher. Um grupo de homens juntos seria uma homosociabilidade? E eu coloco: “mas se essas pessoas forem de gêneros diferentes?”. E, então, pensando novamente com a “Butler” não apenas a ideia de sexo, gênero e sexualidade, mas dois tipo de gêneros diferentes, continuaríamos a falar de uma homosociabilidade? E aí eu desenvolvo o conceito de sociabilidade “homo gênero” e sociabilidade “hétero gênero” para pensar sociabilidades nos quais, por exemplo, fossem só homens, mas de gênero diferentes ou só mulheres de gêneros diferentes. Então, isso é um pouco dessa trajetória que depois fui aprofundando e comecei a desenvolver mais na vela junto com a questão da corporalidade. Para pensar a questão da identidade e corporalidade nos esportes adaptados, tive uma influência enorme ao ter sido membro da banca de doutorado da Mônica Araujo; a leitura da tese da Mônica me inspirou muito. Eu me lembro que eu saí da defesa falando “algum dia eu vou pesquisar essa questão do esporte para pessoas com deficiência”, e fiz um trabalho acompanhando a ANDEF, que é a Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos, pensando a questão do esporte de alto rendimento. Em relação a isso, agora estou no momento inicial de uma outra pesquisa sobre políticas públicas esportivas para pessoas com deficiência e na semana que vem estarei apresentando esse trabalho na reunião da RBA.

**Mônica:** Vocês dois acabaram falando sobre algo que já estava previsto na entrevista, que é como vocês foram construindo as suas trajetórias rumo à Antropologia dos Esportes. Gostaríamos que vocês falassem sobre pertencimento acadêmico, sobre os grupos de pesquisa aos quais estão associados, de qual lugar estão produzindo ciência. Além disso, o que vocês pretendem pesquisar e desenvolver em um horizonte próximo?

**Verônica Moreira:** No meu caso, faz tempo que eu quero realizar um trabalho sobre o boxe. Idealizo isso já faz um tempo. Na RAM de Curitiba, em 2011, apresentei um trabalho sobre isso. Por diferentes motivos, não realizei esse trabalho de campo com regularidade naquele momento, mas agora estou realizando essa pesquisa com profundidade. O que acontece na Argentina é que muitas produções são sobre futebol. Daí a importância que tem em se trabalhar com outros esportes. E essas outras pesquisas estão se multiplicando para temas como corrida, golfe, dentre outros. Em uma coletânea que fizemos em 2013, há trabalhos sobre diferentes objetos de estudo, mas o futebol segue sendo o tema que mais atrai nas investigações. Então, no meu caso, quando eu terminei a minha formação, pensei “eu gostaria de trabalhar com atletas”. Ou seja, já havia trabalhado com aficionados, sócios, dirigentes, então acreditei que era o momento de trabalhar com atletas. E em um esporte que para mim era muito desconhecido. Pelo menos para mim, quanto mais estranho, melhor. Então, o fato de eu ter escolhido o boxe como um esporte para investigar tem a ver com isso, com não entender nada do que estava acontecendo no ringue.. E falando agora em dimensões, creio também que o que acontece, pelo menos junto à Universidade de Buenos Aires, no Instituto de Investigação Gino Germani da Faculdade de Ciências Sociais, é que o grupo segue sendo pequeno. Não é um grupo como eu vejo que funciona no Brasil, com grupos ou núcleos de pesquisa de diferentes universidades. Eu penso que o Brasil está muito adiantado com o tema. Por exemplo, fazem apenas cinco anos que explodiu toda a discussão sobre gênero e sexualidades aqui na Argentina. Vocês já estavam discutindo isso faz tempo. E há outra pergunta que você havia feito, Mônica...

**Mônica:** Sim. E quais são os seus horizontes de pesquisa daqui pra frente?

**Veronica Moreira:** No meu caso, e também como diretora de um projeto de investigação no Instituto, a ideia é trabalhar sobre diferentes objetos de estudo como o boxe, a corrida (running), o futebol também, e crossfit. Nesses casos, pensando no cruzamento entre corpo e gênero, que está como um tema muito presente na agenda de discussão, também em outras universidades; insisto em dizer que não tanto como

no Brasil. Há interesse em se trabalhar outras questões que não tem a ver unicamente com a violência no futebol, ainda que isso sempre esteja aí como estudo. Trabalhar com torcidas e violências ainda é uma linha de investigação muito interessante, mas, no meu caso, a ideia é diversificar o olhar para outros esportes, incluindo a discussão sobre o capacitismo e o corpo com deficiência. Para mim é um tema rico, um super tema para investigar. Isso seria como uma aspiração, como um objetivo no futuro.

**Mônica:** E você, Luiz?

**Luiz Rojo:** Primeiro, assim, eu vou só completar um pouquinho a pergunta anterior.

**Mônica:** Sim.

**Luiz Rojo:** Olhando retrospectivamente, chama a minha atenção algo que fala um pouco desse processo da implantação da Antropologia dos Esportes no Brasil. Tanto na minha dissertação de mestrado quanto na tese de doutorado, haviam partes dedicadas à questão esportiva. E esse foi o ponto de encontro para conversar com a Simone Guedes. Eu acompanhei uma semana a realização das olimpíadas regionais dos estudantes de medicina, e então fiz um capítulo sobre isso na dissertação do mestrado. Lá tem um item chamado *Mens Pulchra in Corpore Pulchro* que acabou sendo meu primeiro artigo na área de esportes, que é um item do capítulo da tese de doutorado falando sobre as práticas esportivas entre naturistas. Mas eu escrevi isso sem nenhum referencial teórico sobre esporte porque simplesmente não chegava até então aos meus ouvidos. Estava se constituindo, estava avançando. A primeira reunião da RBA com o grupo de esportes, mostra um pouco como esse processo foi ganhando corpo. E eu peguei justamente essa transição na hora que a Antropologia do Esportes está começando a se constituir de forma institucional. Respondendo mais especificamente à última pergunta, o que eu estou buscando cada vez mais agora é juntar duas paixões. Eu vivi uma paixão muito intensamente antes de mergulhar na antropologia, que foi a vida política. Em certo momento, houve uma parada quase total quando eu fui me dedicar a terminar a graduação, mestrado, doutorado, entrar na universidade, realizar as primeiras pesquisas... E recentemente, já há seis, sete anos, eu fui retomando a minha vivência política, mas até então como duas coisas muito separadas, a vida política e a vida acadêmica. E agora, escrevi um artigo, que foi publicado na revista da ALA, sobre o impacto do giro à direita na América Latina sobre a discussão dos esportes no Brasil, e também tenho discutido essa questão das políticas públicas esportivas em relação ao esporte de pessoas com deficiência. Pensando sobre isso, que foi uma das coisas que eu estava falando no Chile na outra semana, quando a gente olha hoje para

o Brasil, o reconhecemos como uma potência do esporte paralímpico, em termos de quadro de medalhas, em termos de ter medalhas em diversas modalidades, de ter uma equipe como a de futebol de pessoas com deficiência visual que rivaliza com a Argentina. É um bom tema de pesquisa, a questão do futebol né, mas o futebol de pessoas com deficiência visual é uma equipe quase que imbatível historicamente. Mas ao mesmo tempo, se você olha para as ruas, para os parques, para as praias, para os espaços públicos, é muito, muito raro você encontrar uma pessoa com deficiência praticando algum esporte. Você olha corridas de rua no Rio de Janeiro ou em outros locais, às vezes mil, duas mil, cinco mil pessoas correndo e você raramente encontra, quando encontra são duas, três pessoas, na maioria atletas que estão aproveitando aquele espaço para um treinamento específico, para alguma coisa, e não pessoas que correm como a maioria dos demais e estão ali praticando um esporte. Então, o que eu tenho me dedicado cada vez mais é pensar isso: quais são as motivações, quais são as questões políticas, sociais, culturais, corporais que envolvem essa inexistência da prática esportiva - e não diria só de lazer - de pessoas com deficiência e da inexistência de políticas públicas específicas para esse setor da população. Por exemplo, hoje, é cada vez mais impossível, felizmente, você ter projetos e atuações que excluam completamente as mulheres. É cada vez mais difícil, felizmente também, ter políticas públicas que excluam a população afro-brasileira. Agora, é completamente aceitável que você tenha políticas públicas que excluam completamente as pessoas com deficiência. Então, estamos em que momento dessas lutas sociais, dessas questões do próprio movimento nacional de pessoas com deficiência, da questão da incorporação do esporte e dessas temáticas dentro das políticas públicas brasileiras?

Agora esse é o meu eixo principal de desenvolvimento de pesquisa.

**Mariane:** O campo dos estudos dos esportes, especialmente na área de Antropologia, tem se expandido e se consolidado nos últimos anos, tendo em vista a publicação de um livro no Brasil dos vinte anos dos estudos da área de Antropologia dos Esportes, Lazer e outras práticas. A gente pode destacar sobretudo nesse movimento de expansão o trabalho do Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais e a União Internacional de Antropologia e Etnologia, por exemplo. Vocês poderiam comentar como esses espaços foram sendo construídos e constituídos, e também um pouco da participação de vocês nesses lugares?

**Verônica Moreira:** Antes de responder a esta pergunta, eu quero destacar o Movimento Nenhuma a Menos, na Argentina, que é um movimento que denuncia o número de feminicídios no país, a partir da morte de uma jovem. Isto começou em 2015



e a temática sobre a violência de gênero explodiu logo em seguida, assim como toda uma movimentação nas ruas. Isso impactou muito como eu me entendo na academia e nas investigações. As perguntas sobre os gêneros e as sexualidades surgiram das mãos de jovens que estavam começando as suas investigações de doutorado. Isso para mim é um ato bastante revelador e muito interessante. Agora essas pessoas já estão formadas e usam as suas teses e outras produções dentro de uma agenda social e política a nível nacional.

Sobre a rede CLACSO... A CLACSO é uma rede de estudo comparativo latinoamericana e a ideia é que investigadores, investigadoras e pessoas em formação estejam em contato para discutir diversos temas e assuntos que podem ser as questões de gênero, mas também discussão sobre políticas públicas. Aliás, este canal especificamente está bastante obstruído, pois nos custa muito chegar para contribuir e realizar políticas públicas concretas sobre determinados temas. E ainda sobre esse tema da política pública, que também está presente na CLACSO, sentimos na nossa própria pele os desafios quando se trata da questão da violência no futebol. Temos muito material elaborado sobre o tema, mas tudo muito fragmentado, entende? A rede tem isto: estão presentes discussões sobre gêneros, sexualidades e políticas públicas como carro chefe e ao longo do tempo foi-se somando pessoas de diferentes países. Acredito que em 1999 foi a primeira formação do grupo de trabalho dedicado às Ciências Sociais e esportes. E eu me lembro que nesse momento eram umas quinze pessoas mais ou menos, com países como Brasil, Argentina, Equador... Bom, eram muitos poucos países. Atualmente a rede tem setenta pessoas e os seguintes países: Argentina, Brasil, Chile, Bolívia, Colômbia, Porto Rico, Cuba, Equador, México, Paraguai, Peru e Uruguai. O que eu quero dizer com isso é que podemos observar que há uma ampliação da incorporação de novos países que antigamente não participavam desses congressos que assistimos, onde se trabalha sobretudo o tema dos esportes. Ou seja, cresceu a produção a nível de outros países. E de toda maneira, eu chamo a atenção para as dificuldades, para o fato do quanto é complexo sustentar uma rede que funcione da forma como idealmente pensamos que deve funcionar. É muito complexo porque todas essas setenta pessoas estão trabalhando em pares. Algumas pessoas produziram algumas coisas como, por exemplo, o boletim dedicado à Copa América Feminina. Fizemos uma reunião na pandemia e, naquele momento, foi bom poder conectar pessoas de diferentes países e ter diálogos muito enriquecedores. Fizemos dois bate-papos muito interessantes: um sobre a formação de futebolistas e outro em que discutimos raça. Eu acho que a CLACSO, sendo um conselho latino americano, possui uma abertura para trabalhar a questão da raça, do racismo no esporte. Bem... Há outras atividades que podem ser

feitas como, por exemplo, o lançamento de boletins. Já a publicação de livros é um trabalho que demanda mais tempo e esforço. Temos essas reuniões para discutir assuntos pontuais, mas não podemos fazer muito mais por uma questão de tempo.

**Luiz Rojo:** Bom, Verônica acabou focando bem nesse debate, até porque ela está na coordenação do nosso grupo da CLACSO. Eu acho que esse processo realmente é muito difícil porque construir conexões da forma como a gente trabalha, de forma muito isolada...Ou seja, acho que a gente ainda não conseguiu, pelo menos que eu saiba, produzir projetos mais comparativos, que é um salto que a gente tem que dar em equipe. Pensar como que nós podemos trabalhar em equipe para além dos encontros, dos boletins, dos livros, dos eventos. É um desafio que está posto. É bom quando a gente tem desafios pois temos mais coisas a enfrentar. E do ponto de vista da IUAES é um processo semelhante. Conversando isso algumas vezes com a Simone, a gente falava muito sobre a importância desses projetos de internacionalização. Tanto a Simone quanto o Pablo Alabarces fizeram esse trabalho forte da consolidação dos estudos sobre esportes na América Latina. E, foi como a Verônica falou, desde 98, 99, não lembro exatamente o ano, houve a iniciativa do Pablo desse grupo da CLACSO e daí pra frente as viagens que fizeram juntos para a Colômbia, México e em lugares para participarem de eventos.

E agora eu me lembro de outro momento, de quando eu vi uma chamada de um congresso da IUAES que ia ter em Dubrovnik, na Croácia. Achei interessantíssimo e falei "poxa, nunca fui à Croácia!" e era aquele momento da vida em que, (ai que saudade!), a gente mandava um pedido de passagem, e de hospedagem, e de diária e vinha tudo. Passagem aérea, diária, hospedagem, inscrição... Tinha dinheiro para a gente investir em ciência, tecnologia, tinha dinheiro para a gente investir nessa parte, e eu acho que isso impulsionou muito a nossa possibilidade de avançar a nível internacional. Eu fui para aquele congresso e tinha lá o grupo formado sobre esportes. Ainda não havia um grupo organizado na IUAES, mas havia um grupo de trabalho. Quando cheguei lá eu tive uma surpresa gigantesca porque eram três sessões de trabalho, com quinze trabalhos no total. E tinham dois trabalhos, o meu e o de um doutorando da Finlândia... O dele sobre Maratonas Solidárias, sobre as pessoas se engajavam para arrecadar fundos para eventos específicos. Os nossos dois eram os únicos trabalhos de Antropologia Cultural. O resto era tudo Antropologia Física. "O impacto da lesão não sei o que...", parecia que eu estava voltando ao mestrado assistindo aulas de anatomia, aquela coisa que eu acompanhei lá no trabalho de campo do mestrado. E eu lembro que a gente conversou, este finlandês e eu, e saímos de lá horrorizados pois ninguém

fez pergunta para a gente, a gente não fez pergunta para ninguém, a não ser eu perguntar do trabalho dele e ele perguntar do meu. Não tinha nem ponte de contato. A gente ficou conversando sobre isso e, eu lembro que estava a Carmen Rial e a Miriam Grossi no congresso, elas já estavam à frente da IUAES participando ativamente, e elas me estimularam para “meter a mão nesta cumbuca”. Já no Congresso do Canadá, eu fiz uma proposta de grupo, eu comecei a conversar com todo mundo que estava, mandei e-mail e falei: “vamos construir o grupo dentro da IUAES”. Bem na cara e na coragem fomos construindo. O Jérôme Soldani, da França, teve um papel fundamental de abrir o campo também na Europa, de trazer mais gente; Mariane Pisani participou depois aqui em Santa Catarina, uma série de pessoas foram se agregando. Se a Verônica fala da dificuldade da CLACSO, na IUAES a dificuldade é muito maior porque é um campo mundial. Hoje felizmente já tem gente dos cinco continentes, mas você imagina juntar pessoas dos Estados Unidos, da África do Sul, do Quênia, da Índia, da Indonésia, do Japão, da Europa, da América do Sul, é uma loucura e ainda não está totalmente consolidado. Agora teremos o congresso na Índia, estamos trabalhando para isso e vai ser um momento muito delicado de passagem de bastão. Eu estarei saindo da coordenação, termino este meu mandato, o Jérôme irá continuar tendo uma pessoa o acompanhando, da República Tcheca, mas estaremos fazendo essa passagem e aí conseguindo avançar, mas é um processo lento, é um processo difícil porque envolve uma quantidade absurda de países, de momentos e de ritmos diferentes, de produção, de redes e de contatos dentro desse campo. Mas eu acho que é um desafio que estamos conseguindo colocar em movimento. Espero que para os próximos anos mais gente do Brasil se junte, mais gente da América Latina se junte para ocupar efetivamente esse espaço da IUAES que é uma conexão muito importante para gente.

**Verônica Moreira:** Perdão. E de que temas tratam? Já sei que devem ser muito variados mas, que tipo de problemática colocam?

**Luiz Rojo:** Nós sabemos - até em função do que já relatei sobre o congresso na Croácia - que alguns países a Antropologia do Esporte está muito vinculada à Antropologia da Saúde, à Antropologia Física, e uma das questões que nós colocamos é que nós não queremos ser um grupo de Antropologia Cultural dos Esportes. A gente nasceu assim, mas já incorporamos um indiano que trabalha, diria, na fronteira entre a Antropologia Cultural e a Antropologia Física. Então, a ideia é buscar ampliar ainda mais para poder ver esses diálogos, ver o que cada lado contribui, o que é difícil porque torna essa agenda ainda mais complexa. É uma infinidade tão grande de temáticas, Verônica...

**Verônica Moreira:** Sim, é difícil sistematizar porque está em processo. O que ocorre na

CLACSO é que temos um perfil construído com foco no debate das desigualdades, justamente de norte a norte, e, a partir daí, nos organizamos sobre alguns assuntos como a desigualdade de gênero, a violência, políticas públicas. Há temas que norteiam e esse processo tem sido muito interessante. Por outro lado, tem toda uma dificuldade para lidar com as diferentes realidades, por exemplo, como abordar o racismo no Brasil, que é distinto da Bolívia, da Argentina,...

**Luiz Rojo:** Há que se pensar que a CLACSO já tem uma história de vinte e três anos discutindo a questão do esporte. Nós somos descendentes, de descendentes, de descendentes do Pablo, da Simone, então isso já tem uma história, uma trajetória. No caso da IUAES, nós temos quatro anos de história. Então, é um movimento ainda muito embrionário que eu espero que vá se consolidar, mas que ainda é passo a passo.

**Verônica Moreira:** Acredito que, se for pensar na pandemia, não há tanto diálogo na atualidade talvez porque não pudemos nos reunir presencialmente e continuar com as reuniões que para mim são um clássico do intercâmbio. Pontualmente, falo da RAM. A "RAM" começou, creio que com a primeira reunião em 2001, em Curitiba, com a coordenação da Simone e com Arlei Damo, que foi o primeiro congresso que eu me apresentei junto com José Fassheber. Foi o primeiro em tudo. Foi o primeiro congresso, primeiro congresso internacional, e a partir daí sempre, no meu caso, participei do grupo de Esportes e depois foi sendo construído uma mesa paralela, com um tema em particular. O que sinto é que a pandemia mudou algo, que acredito que possa ser revertido. Ficou algo pendente para mim também do que disse o Luiz, na questão de uma dimensão comparativa. Creio que Simone insistiu nisso e faz tempo que há um projeto para isso, com muitas ideias, mas com o intuito de se montar, por exemplo, grupos para escreverem sobre um tema pontual, mas fazê-lo com algumas pessoas de diferentes países. É difícil, às vezes, por uma questão de tempo material que não temos. Mas, também, há outros pontos: quem nos financia, quanto dinheiro nos dão para fazermos nosso trabalho de campo e para viajar, e eu acredito que aí o contexto político incide sobre o que fazemos, nos impacta. Na Argentina, toda essa questão de discutir gênero e sexualidades estão legitimadas porque há um Ministério de Mulheres e Diversidade, há um Ministério de Esportes que tem a agenda de gênero muito presente, tudo facilita isso, um monte de produções, há mais dinheiro circulando sobre isso. Eu, como diretora de um centro de formação de Gênero e Esportes na Universidade de Buenos Aires, tenho o apoio da Secretaria Esportes da Nação. Como o Luiz já tinha comentando, de que antes tinham a possibilidade de participar de um congresso onde te davam a passagem e todo o resto e hoje isso se encontra muito limitado... Então, o

contexto político dita sim o que fazemos. Eu sempre vi que há um diálogo muito profundo, mas hoje vejo que isso diminuiu, creio eu, como produto da pandemia. A vontade é voltar a fazer os intercâmbios, então, agradeço a Mariane e Mônica por me convidar a participar disso, pois isso é o que eu entendo que temos que fazer e sair construindo entre todos. Tenho vontade de seguir estabelecendo diálogos e aprofundando os intercâmbios.

**Luiz Rojo:** Mariane, essa questão que você colocou me fez lembrar do dia em que eu conheci a Verônica. Não sei se a Verônica se lembra que a gente se conheceu em Buenos Aires, em uma sala da Universidade de Buenos Aires, num desses encontros que a Simone e o Pablo organizavam e que foi um grupo daqui, algumas pessoas, para Buenos Aires, para um fim de semana de conversas. Em uma sala, foi a primeira ida para um evento assim. A Simone me convidou e eu fui; tava lá Garrica, tava lá Verônica, tava lá um grupo de pessoas e eu acho que isso, esses encontros, para além dos congressos, era algo que organizava, inclusive depois com a Simone indo fazer um pós-doutorado na Argentina, com o Nicolás Cabrera que veio aqui, pra cá, com o Davi Quitian, da Colômbia, que veio fazer um pós-doutorado aqui. Então, havia mais esse intercâmbio. Assim, como disse a Verônica a pandemia realmente teve um impacto nisso, mas mesmo antes a gente já sentia um recuo por conta da questão econômica e política, ou seja, a dificuldade de verba para viajar, para fazer as coisas. E eu acho que tem uma outra questão que temos que pensar, e aí é um ponto complicado, vou fazer uma brincadeira: tinha um bloco aqui em Niterói que dizia “se melhorar, afunda” e...

**Verônica Moreira:** Qual é a tradução?

**Luiz Rojo:** “Quanto mejor...”

**Verônica Moreira:** “Se hunde.”

**Luiz Rojo:** Isso. E eu acho que uma parte disso também é fruto exatamente do nosso crescimento, do nosso sucesso. Porque quando nós éramos poucas pessoas lá em 2005, 2006, fundamentalmente Brasil, Argentina e uma pessoa daqui e uma outra pessoa de acolá era muito mais fácil se reunir, era muito mais fácil pensar projetos comuns dessa articulação. Nós tínhamos a RAM e a ABA, um congresso por ano, o que também dava encontros, mas dava tempo. Se a gente olhar a nossa agenda hoje, nós temos: todos os anos, a princípio, congresso da IUAES; a cada dois anos uma reunião da Associação Brasileira de Antropologia, acho que também lá do Congresso de Antropólogos da Argentina, uma reunião nacional; temos a reunião de Antropologia do Mercosul; temos a reunião da Associação Latinoamericana de Antropologia; então nós temos hoje uma sobrecarga de congresso. Além disso, ainda pensando que a gente praticamente não

participa da reunião de Antropologia Equatorial, como um grupo, como uma coisa organizada, e abandonamos praticamente ou totalmente a ANPOCS, no qual também pessoas da Argentina participavam, iam trocar. Se a gente pensar que em várias das nossas reuniões de antropologia do Brasil pesquisadores da Argentina vinham apresentar trabalho, e que muitos de nós íamos apresentar trabalho, olha a quantidade de congressos e eventos que nós temos. O que foi um crescimento e um fortalecimento da área também implicou, eu acho, em uma redução desses outros espaços de encontros mais próprios de sentar e debater mais profundamente, como fizemos na Argentina, acho que em 2005, 2006. Para conversar, trocar ideias e não para apresentar trabalho de quinze minutos, depois ter conferência, mesa redonda e seminário. Então, esses espaços foram se perdendo também. A gente se reúne muito, mas a gente se encontra pouco. E eu acho que a gente tem que pensar um pouco como a gente não vai abrir mão desses espaços. Como a Verónica falou - e eu concordo - , isso é importante para a visibilidade do campo, para o seu fortalecimento , mas como a gente consegue mediar? Talvez a tecnologia seja uma alternativa. Dá pra gente fazer... É ruim não ser presencial? Mas você veja, se a gente não tivesse esse espaço, como a gente estaria juntando Niterói, Teresina, Buenos Aires? Impossível! Então, usar mais a tecnologia para a gente trocar ideia e conversar, bater papo acadêmico e pensar projetos buscando recompor os espaços. Essa possibilidade que a Verônica aponta lá da Argentina, a gente espera que no Brasil a partir do ano que vem comecem a surgir essas possibilidades, de mais bolsas e mais pesquisas para que a gente possa fazer doutorado sanduíche dos nossos orientandos e das nossas orientandas, pós doutorados entre a gente. Espaços também dessa circulação, que são tão importantes, para que a gente possa ir se fortalecendo.

**Verônica Moreira:** Simplesmente isso do curso conseguir financiamento de alguma agência mundial, que não seja da Argentina ou do Brasil, que financie, que tenha dinheiro para essas reuniões presenciais com um dia, dois dias de discussão, de conversa, desses encontros que você menciona, que não são somente reuniões. Também vejo assim os congressos, como uma fábrica de salsichas (risos). Esta é uma metáfora aqui na Argentina para dizer quando vem uma coisa atrás da outra, e não há muito tempo para a discussão, para o diálogo, para que as coisas sejam melhor apuradas. E agora eu fico pensando nisso com pena, pois sinceramente nós perdemos essa questão do encontro, de estar de maneira presencial dialogando. Então há muito o que fazer.

**Mônica:** O Luiz descreveu o que viu no congresso da Croácia e só isso já daria um

artigo né (risos)... Já daria ali uma descrição bem interessante sobre os caminhos que são tomados a partir disso, uma nova realidade, uma expansão do campo que, por outro lado, traz um conjunto de desafios, uma complexidade que a gente tem que enfrentar. E o Luiz lembrando do papel da Simone e do Pablo na constituição desse campo, mas também em um espaço que transbordava. Espaço esse de diálogo, mas também um espaço de sociabilidade extra acadêmica. Isso me faz lembrar do papel do Nepess e nos eventos que eram liderado pela Leda Costa e pelo Martin Curi como, por exemplo, a visita a estádios, combinar saídas para assistir aos jogos... Essas coisas nos trazem um saudosismo em relação a essas outras atividades que tinham como horizontes, obviamente, os nossos temas de pesquisa, mas que extrapolava em termos de uma interação, da mobilização desses afetos.

Voltando para o nosso roteiro, a gente não tem como fazer uma entrevista dessa natureza sem falar do impacto da realização dos grandes eventos na cidade do Rio de Janeiro: Copa do Mundo de 2014 e depois os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Então, queria que vocês falassem um pouco sobre isso.

**Luiz Rojo:** Respondendo a partir da minha própria vivência, eu acho que sem a realização dos jogos aqui no Rio de Janeiro, diante dos Jogos Paralímpicos que é o meu foco, é pouco provável que eu pudesse desenvolver o tipo de pesquisa que eu desenvolvi sobre a questão do esporte adaptado. Não apenas porque houve visibilidade gigantesca do tema, mas porque abriu um campo de interesse sobre essa temática. Tem uma série de análises, foram escritas coletâneas, livros, artigos sobre a questão do impacto político da Copa principalmente, mas também dos Jogos Olímpicos. Eu não tenho profundas divergências com a maioria deles, mas eu lembro de ter escrito um artigo em especial no qual dialogo com o nosso querido, saudoso e amigo, Gilmar Mascarenhas que tinha um olhar muito crítico para esses mega eventos. E eu falo assim: "ok mas, não por acaso, esse olhar crítico focava na Copa do Mundo e nos Jogos Olímpicos." Em momento algum - e eu li a coletânea toda sobre o impacto dos mega eventos - há uma única citação à realização dos jogos paralímpicos e eu acho que esse evento trouxe um tipo de visibilidade. Falava-se tanto do legado, "qual o legado dos jogos?", eu digo: a visibilidade dos jogos adaptados no Brasil", pois é inegável a transformação que há pré jogos e pós jogos. Então, eu acho que esse é um tema que fala um pouco das nossas agendas. Voltando à questão feita anteriormente, sobre os conceitos utilizados... Metodologicamente, as questões que mais me impactaram foi a leitura do Magnani sobre a observação "de perto e de dentro". Acho aquele texto de uma potência, de uma riqueza fantástica, e como todo bom texto, ele permite que você

se aproprie dele para além de somente ler. E uma das coisas que eu comecei a fazer há um bom tempo é partir para as considerações do Magnani para pensar a observação de perto e de dentro como uma alternativa a observação participante. Mas não apenas para a questão urbana, do desenvolvimento, da forma como Magnani usa. Eu uso aquilo de uma forma um pouco diferente. E para pensar no que ele fala muito ali, do quanto que a dimensão urbana pouco olha para o ponto de vista das atribuições de significado nativos. E eu acho que esse olhar, do ponto de vista das pessoas que estavam ali vivenciando esses mega eventos, ainda faltou na nossa elaboração. Nós fomos de alguma forma apanhados por essa crítica aos mega eventos esportivos. Ela era importantíssima de ser feita, havia muitos aspectos indicados, mas ela conseguiu de alguma forma se impor como "a narrativa". E de alguma forma ela prejudicou que outras narrativas pudessem aparecer porque parecia que outras narrativas poderiam legitimar a realização dos mega eventos. E o olhar crítico já tinha se colocado ali como uma vertente definitiva, podemos dizer assim. A Simone publicou um texto, tratando do recente contexto político brasileiro, no qual fala do "segundo sequestro da camisa verde e amarela". E se ela foi sequestrada uma segunda vez é porque ela foi resgatada da primeira vez. A gente precisa de um resgate dos megaeventos esportivos, lançando outros olhares, outras perspectivas desses eventos, sem abrir mão da visão crítica. Precisamos procurar compreender o que eles significaram não apenas no macro mas, - nos apropriando do histórico e metodológico da nossa disciplina - impactos micro. Além disso, no que isto implica, em algum grau que seja, no fortalecimento da descentralização do monopólio do futebol, no suporte e na visibilidade de outras vivências e outras relações com a prática esportiva, sem contar as mudanças em relação às mídias. A maior questão que esses mega eventos trazem para a gente hoje é o reflexo inclusive sobre isso, sobre a nossa vivência, ou seja, cada um de nós deve ter percebido o quanto se tornou mais fácil publicar, mais fácil falar, o quanto dessa área ocupou um espaço, não apenas falando do nosso crescimento orgânico, mas porque o nosso crescimento orgânico enquanto grupo coincidiu com o fato de que a sociedade brasileira tava se debruçando sobre a questão do esporte como nunca se debruçou antes na vida. E para além disso, se debruçou simultaneamente sobre futebol em 2014 e sobre os esportes Olímpicos e Paralímpicos dois anos depois. Então acho que a gente é herdeiro disso, eu sempre lembro a Mônica falando que tinha um projeto de doutorado sobre dança afro, se não me engano...

**Mônica:** Eu mesma mudei de projeto de doutorado em função de um grande evento



esportivo.

**Luiz Rojo:** Isso... E aí foi assistir uma prova de natação nos jogos parapanamericanos e mudou de tema. Isso é legado dos megaeventos. A tese de doutorado da Mônica é legado dos Jogos Parapanamericanos. Se não o houvesse, talvez nós tivéssemos mais uma tese muito boa sobre dança afrobrasileira, mas não teríamos a primeira tese de doutorado da história da Antropologia Brasileira sobre qualquer tipo de modalidade adaptada. Então a gente tem que pensar também qual é o impacto, isso também merecia um artigo, sobre os megaeventos esportivos na consolidação, diversificação e ampliação do campo da Antropologia dos Esportes no Brasil.

**Mônica:** Então realmente a gente ficou muito refém de uma narrativa que é importante mas que foi pensada, posso estar sendo injusta, de uma maneira um pouco apressada, no sentido de dizer, de maneira muito categórica, chamar atenção apenas para os aspectos negativos como se colocássemos em jogo tudo aquilo que de positivo, de outros potenciais, a gente estivesse legitimando, de forma acrítica a realização desses eventos. E nós sabemos de todos os problemas, as questões das remoções, uma série de aspectos que foram muito complicados e que tiveram impacto concreto na vida de uma grande parte da população; ninguém está cego para isso, mas eu acho que tem outras camadas que não foram devidamente abordadas. Acho que ainda tem espaço e tempo para se fazer isso. Luiz, você começa a falar sobre isso no seu artigo sobre a questão da visibilidade como legado dos Jogos Paralímpicos, mas tem outra camada que tem a ver justamente com a produção do campo dos esportes que se amplia e diversifica.. Acho que também tem a questão da profusão de encontros, antes a gente tinha uma mesa, agora temos mais de um GT, mesas temáticas, ou seja, um aumento tem um aumento muito expressivo.

**Luiz Rojo:** Para mim esse foi um momento muito bom para olhar para essa trajetória e analisar um pouco. . E acho que o campo precisa disso, ocasionalmente, de fazer balanços como esse que acabamos de fazer, olhando para o que já foi feito, para as lacunas, para os ajustes possíveis, O Bordieu já dizia que a gente vai reconstruindo a memória e a significação dos eventos a partir do ponto que a gente está hoje para narrá-los, e eu acho que a gente hoje está em uma situação melhor para poder fazer essa leitura de forma mais crítica, no sentido mais amplo do termo, não crítica só negativa, mas crítica no sentido mais amplo, mais potente do termo, sobre esses eventos e sobre a própria construção do campo. Essa entrevista ajudou muito a contar não apenas trajetórias, mas caminhos futuros para a consolidação e desenvolvimento deste campo da Antropologia dos Esportes. Então, além de ser um prazer pessoal estar com vocês,

é um prazer também intelectual estar narrando, observando, pensando sobre. E, claro, sobre o meu papel nele. Já são dezessete anos estudando na Antropologia dos Esportes. É uma trajetória né. Legal as vezes parar e olhar para ela. Tem coisa aí construída.

**Mariane:** Da minha parte eu só queria reiterar os agradecimentos, não só do Luiz e da Verônica, mas da Mônica também nessa parceria justamente porque no seio desse grupo das práticas esportivas que eu me constituí como Antropóloga. A primeira vez que nos encontramos eu estava apresentando um trabalho da graduação, depois do mestrado, depois do doutorado e depois como professora universitária. Então, praticamente para além das orientações das minhas professoras orientadoras, muito da antropóloga que me constitui hoje e dos meus interesses de pesquisa, nascem nestes grupos de trabalho, nessas trocas, nesse intercâmbio. A Verônica é uma parceira de trabalho maravilhosa, desde que eu a conheci a gente vai mantendo contato e a mesma coisa com Luiz, a mesma coisa com Mônica. Então eu acho que essa entrevista também é fruto de muita satisfação pessoal, de rever nessa história, dessa área, dessa temática de duas pessoas como você, Luiz, e Verônica, a consolidação e a possibilitação, a pavimentação de outras trajetórias como a minha, por exemplo.. É um prazer imenso ter estado junto com vocês três essa tarde.